

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
o aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre os
idosos**

Fernanda Lima Ferreira

Manhuaçu

2019

FERNANDA LIMA FERREIRA

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
o aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre os
idosos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Ensino Superior de Medicina do Centro Universitário UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título de Médico em Medicina.

Área de Concentração: Saúde do Idoso

Orientador: Prof. Gustavo Henrique de Melo da Silva

Manhuaçu

2019

FERNANDA LIMA FERREIRA

**SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE:
o aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre os
idosos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Ensino Superior de Medicina do Centro Universitário UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título de Médico em Medicina.

Área de Concentração: Saúde do Idoso

Orientador: Prof. Gustavo Henrique de Melo da Silva

Banca Examinadora

Data de aprovação: 01/07/2019

Prof. Gustavo Henrique de Melo da Silva; UNIFACIG

Prof. Elis de Oliveira Campos Paiva Mol; UNIFACIG

Prof. Loreny Amaranto Magalhães; UNIFACIG

Manhuaçu

2019

RESUMO

O presente trabalho apresenta como tema o aumento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre os idosos. Em decorrência do aumento da expectativa de vida e das facilidades da vida moderna, o idoso vem redescobrando algumas experiências, como o sexo. Porém, muitos possuem práticas sexuais inseguras, tornando-os mais vulneráveis à contaminação. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar os principais motivos para o aumento do número de ISTs entre a terceira idade, além de fornecer dados e informações que possam auxiliar as políticas públicas focadas à promoção da saúde dos idosos. A metodologia utilizada foi revisão sistemática, 22 artigos foram selecionados, através das principais bases de dados como, *National Library of Medicine* (Medline), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), *Scientific electronic library on line* (Scielo) e Google Acadêmico. Além de sites e publicações institucionais do Ministério da Saúde. Embora seja evidente o aumento do número de casos de IST na população idosa, ainda são poucas as informações e prevenção desses indivíduos. Pode-se concluir que os idosos permanecem sexualmente ativos, contribuindo para o aumento das IST. Porém, as campanhas preventivas normalmente são voltadas para o público mais jovem, aumentando ainda mais a falta de informação entre a terceira idade.

Palavras-chave: Infecção sexualmente transmissível; Idosos; Sexualidade.

ABSTRACT

The present study presents as theme the increase of Sexually Transmissible Infections (STI) among the elderly. As a result of the increase in life expectancy and the facilities of modern life, the elderly have rediscovered some experiences, such as sex. However, many have unsafe sexual practices, making them more vulnerable to contamination. The objective of this study is to describe and analyze the main reasons for the increase in the number of STIs among the elderly, as well as to provide data and information that may help public policies focused on promoting the health of the elderly. The methodology used was a systematic review, 22 articles were selected through the main databases such as, National Library of Medicine (Medline), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (Lilacs), Scientific electronic library on line (SciELO) and Google Scholar. In addition to sites and institutions a publications of the Ministry of Health. Although there is an evident increase in the number of cases of STIs in the elderly population, the information and prevention of these individuals are still few. It can be concluded that the elderly remain sexually active, contributing to the increase in STIs. However, preventive campaigns are usually geared towards younger audiences, further increasing the lack of information among senior citizens.

Keywords: Sexually transmitted infection; Seniors ; Sexuality

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	07
3. DESENVOLVIMENTO.....	07
3.1.A TERCEIRA IDADE.....	07
3.2.SEXUALIDADE.....	09
3.3.IST ENTRE OS IDOSOS.....	09
3.3.1.EPIDEMIOLOGIA.....	12
3.3.2.HIV/AIDS.....	12
3.4.POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE NA TERCEIRA IDADE.	14
4. CONCLUSÃO.....	16
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo fisiológico, caracterizado pela diminuição das funções do organismo, que predispõe ao maior acometimento de doenças (NEVES *et al.*, 2015). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), idoso é o indivíduo com 60 anos de idade ou mais, nos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Há alguns anos, é possível observar o aumento da população idosa e a crescente expectativa de vida desse grupo, resultando em inversão da pirâmide etária. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de idosos no Brasil em 2012, correspondia a 12,6% de toda a população (BASTOS *et al.*, 2018). Estimativas apontam que até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país com mais idosos no Mundo (SILVA *et al.*, 2017).

Junto ao aumento da população idosa, surgem as vulnerabilidades, que aumentam muito nessa faixa etária (NASCIMENTO *et al.*, 2015). Para Laroque (2011), o aumento da longevidade e as facilidades da vida moderna, como as medicações para impotência sexual e reposição hormonal, facilitam os idosos a redescobrir experiências, como o sexo. Porém, práticas sexuais sem proteção, tornam os idosos mais vulneráveis ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como sífilis, clamídia e gonorreia.

Bastos *et al.*(2018) afirma que dentre os fatores associados, é possível destacar: pouco conhecimento dos idosos sobre a prática de sexo seguro em relação às IST, e a resistência em usar preservativos. Já Albuquerque *et al.*(2008), afirma que pela formação educacional reprimida, condições socioeconômicas precárias, os idosos podem apresentar dificuldade em conversar sobre sexo seguro, assim como procurar um profissional de saúde para realizar exames de rotina ou até mesmo esclarecer dúvidas sobre as mudanças em seu corpo.

A ideia de que o sexo tem apenas a função de procriação ainda existe entre alguns grupos sociais, levando a um preconceito social, até mesmo por parte de alguns profissionais, no que diz respeito às práticas sexuais na terceira idade. Algumas pessoas não aceitam que essa faixa etária mantenha a sua sexualidade ativa e esquecem que o sexo vai além da genitalidade, envolve afeto, essencial para o ser humano em geral (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

É uma crença na assistência em saúde considerar que o avanço da idade e o declínio da atividade sexual são sinônimos. As pessoas em idade avançada são capazes de manter relações sexuais e sentir prazer, mesmo que existam alterações fisiológicas decorrentes do processo natural do envelhecimento (BRITO *et al.*, 2016).

Quando o idoso vive a sexualidade sem proteção, está correndo sérios riscos de contaminação por IST. O aumento dessas doenças na terceira idade evidencia a fragilidade das campanhas de prevenção direcionadas a essa população (BRITO *et al.*, 2016). Segundo Nascimento (2015), é preciso reconhecer os idosos como população de risco, para que sejam tomadas medidas de controle e prevenção. Em razão do aumento da população idosa e número elevado de IST nessa faixa etária, é preciso que haja conscientização dos profissionais de saúde em relação à existência da prática sexual na terceira idade e a necessidade de adotarem medidas para diminuir essas doenças.

É necessário conscientizar os profissionais de saúde que os idosos também fazem sexo, e igual a outras faixas etárias estão vulneráveis a infecções sexualmente transmissíveis (LAROQUE *et al.*, 2011).

Dessa forma, diante destas análises teóricas iniciais, estabeleceu-se como problema de pesquisa o levantamento das causas do aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre idosos, e o déficit dos profissionais de saúde que possuem conhecimento em relação a esse problema social.

Para tanto, o objetivo geral do estudo é através de revisão bibliográfica, descrever os principais motivos para o aumento do número de IST entre os idosos, analisar a tendência evolutiva dessas doenças na terceira idade no Brasil, além de fornecer dados e informações que possam auxiliar as políticas públicas focadas à promoção da saúde dessa faixa etária, para que seja possível oferecer uma atenção integral, incluindo aspectos relacionados à sexualidade durante a senescência.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata de um estudo descritivo, do tipo revisão sistemática, abordando a sexualidade na terceira idade. A fonte de pesquisa usada foi material bibliográfico, onde foram selecionadas informações relevantes relacionadas ao tema. As bases de dados usadas foram *National Library of Medicine* (Medline), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), *Scientific electronic library on line* (SciELO) e Google Acadêmico. Além de sites e publicações institucionais do Ministério da Saúde.

Os descritores usados foram: IST, idosos, sexualidade, prevenção e terceira idade. Em seguida, 36 artigos foram selecionados, após leitura analítica do conteúdo, obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: publicações entre 2005 e 2019; que abordam os principais fatores para ocorrência de IST nos idosos; apresentam estratégias de prevenção e promoção e publicados em português ou inglês.

Após avaliação, foram excluídos da amostra 14 artigos por não possuírem relevância em relação aos objetivos da pesquisa, sendo, portanto a amostra final constituída por 22 artigos. Os resultados encontrados nessa análise são apresentados na próxima sessão.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. A terceira idade

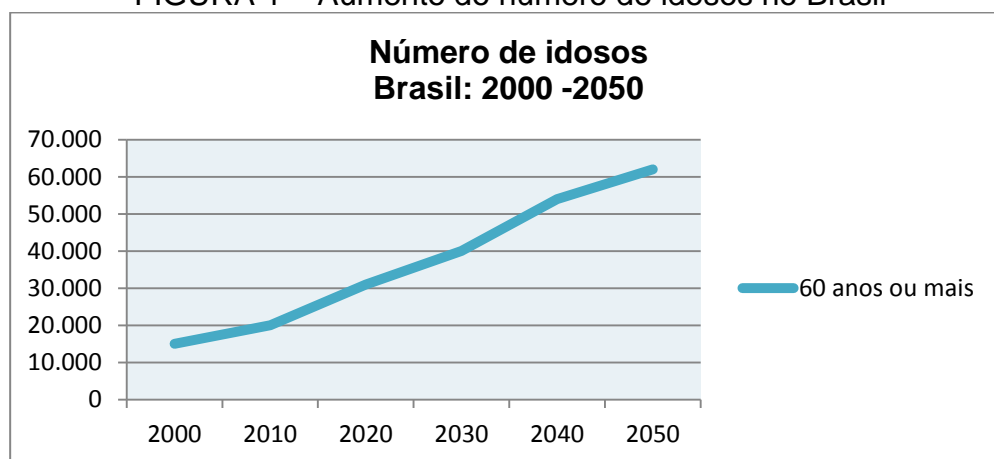
Envelhecer é um processo universal caracterizado por diminuição das atividades funcionais humanas, tornando a pessoa frágil diante de algumas situações adversas, seja ela, física, emocional ou econômico-social (SILVA, 2014). Já a Organização Mundial de Saúde (OMS), caracteriza o idoso, nos países em desenvolvimento, como o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, mais predisposto a apresentar alterações na saúde, diante de um agressor externo ou interno, tornando alvo de doenças (MIRANDA *et al.*, 2016).

Porém, é importante ressaltar que o envelhecimento é vivido de maneiras diferentes por cada indivíduo, dependendo da fisiologia de cada

organismo, como as condições nutricionais, o estilo de vida, as patologias de base, fatores ambientais, além das relações psicológicas, sociais e econômicas de cada um (NEVES *et al.*, 2015).

O Mundo está envelhecendo (Figura 1), resultando em uma inversão da pirâmide etária. No censo de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou a diminuição dos jovens menores de 14 anos, caindo de 34,7 % em 1991, para 21,1% em 2010. Em contrapartida, o número de idosos cresceu consideravelmente, de 4,8% em 91, para 7,4 % em 2010 (IBGE, 2010). Até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos, o que corresponderá a 15% de toda sua população (BRASIL, 2006).

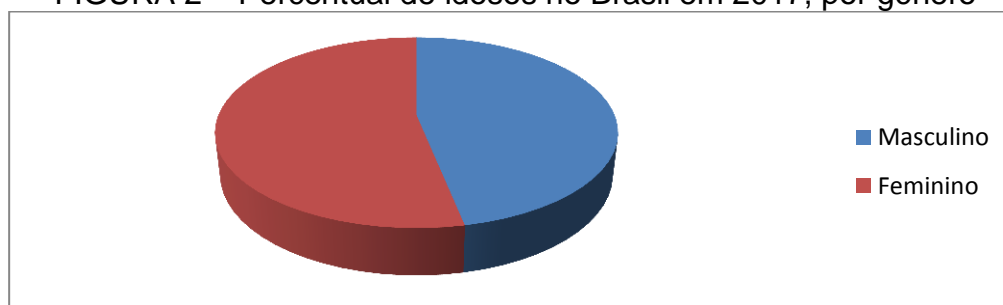
FIGURA 1 – Aumento do número de idosos no Brasil



Fonte: Adaptado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

É notório o crescimento da terceira idade no país. Para Godoy *et al* (2008) esse crescimento apresenta algumas características, como o aumento de mulheres idosas, sendo denominado de “feminilização da velhice”. Alguns estudos mostram que existe uma diferença crescente entre os gêneros, predominando o sexo feminino (Figura 2). Logo, quanto mais aumenta a idade da população, maior o número de idosas (BRASIL, 2007).

FIGURA 2 – Percentual de idosos no Brasil em 2017, por gênero



Fonte: Adaptado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

De acordo com o Ministério da Saúde, a mulher, em média, vive mais que os homens. No Brasil, como em muitos outros países, o aumento na expectativa de vida é mais significativo no sexo feminino. Isto se deve a inúmeros fatores, como proteção cardiovascular pelos hormônios femininos, condutas menos agressivas, menor exposição aos riscos no trabalho, maior

atenção ao aparecimento de problemas de saúde, maior utilização dos serviços de saúde, menor consumo de tabaco e álcool, entre outros. Outro fator envolvido é a moderna assistência médico-obstétrica que tem propiciado uma queda na mortalidade durante o parto (SILVA, 2011).

3.2. Sexualidade

“Assexuados” é como os idosos são vistos atualmente pela sociedade. Porém, mesmo com a redução da libido, o desejo sexual e a necessidade de carinho e afeto estão presentes. O preconceito ainda está enraizado na sociedade e é produto da educação sexual equivocada ou rigorosa (NEVES *et al.*, 2015).

O aumento da qualidade de vida junto ao incentivo à socialização e à retomada de vínculos na terceira idade, dando relevância às atividades coletivas, como por exemplo, a dança, possibilitam encontros entre os idosos. Estes encontros, associados aos avanços tecnológicos em saúde, como os tratamentos hormonais e o uso de medicamentos que melhoram o desempenho sexual masculino, em idades mais avançadas, têm permitido redescobrir novas experiências e contribuído para o aumento da atividade sexual entre idosos (ANDRADE *et al.*, 2017).

De acordo com Nascimento *et al.*(2015), a impotência e a disfunção sexual estão associadas ao avanço da idade, no entanto, os idosos estão cada vez mais ativos sexualmente. Essas mudanças comportamentais são reforçadas pelo aumento da expectativa de vida e pelas descobertas de novos mecanismos que proporcionam prazer sexual na terceira idade.

Já para Almeida *et al.* (2008), a sexualidade na velhice é um tema negligenciado por diversas áreas da saúde, pouco compreendido pela sociedade, pelos próprios idosos e pelos profissionais da saúde. Infelizmente, existem muitos mitos que dificultam a compreensão da prática sexual na terceira idade. Almeida *et al.* (2008), também defende que os estereótipos de que as pessoas idosas não são atraentes fisicamente, não têm interesse por sexo, ou são incapazes de sentir algum estímulo sexual ainda são amplamente difundidos. Assim, induzem as pessoas a assumirem uma atitude pessimista em tudo que se refere ao sexo na velhice. Porém, com os recursos tecnológicos atualmente existentes, a maioria dos idosos podem ter uma vida sexual satisfatória.

Contudo, junto à sexualidade na terceira idade, aumentam as práticas sexuais inseguras, tornando os idosos mais vulneráveis a contaminar-se por Infecção Sexualmente Transmissível (IST) (LAROQUE *et al.*, 2011).

3.3. IST entre os idosos

A OMS preconizou, em 2001, a substituição do termo DST por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), objetivando enfatizar as infecções assintomáticas (RODRIGUES, 2010).

Publicações recentes sobre infecções sexualmente transmissíveis evidenciam um aumento global das IST nos idosos em diversos países (NETO *et al.*, 2015). A redescoberta do prazer sexual por meio das diversas facilidades

existentes na contemporaneidade torna a terceira idade ainda mais vulnerável à contaminação por doenças (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

O principal fator de risco para IST em idosos é a prática sexual sem proteção (Tabela 1). Com o avançar da idade, existe uma tendência em diminuir o uso de preservativos durante o ato sexual. Segundo a Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira 2008, 55% dos jovens entre 15 e 24 anos declararam ter usado preservativo na última relação sexual independentemente de parceiro fixo ou casual, enquanto apenas 16,64% dos indivíduos entre 50 e 64 anos confirmaram o uso do preservativo. Alguns fatores contribuem para a baixa adesão do uso do preservativo nesta população, como, menor preocupação com concepção, dificuldades em manusear o produto, piora no desempenho sexual, incapacidade das mulheres em negociar o uso com o parceiro, estabilidade do relacionamento e submissão ao companheiro (NETO *et al.*, 2015).

TABELA 1 - Porcentagem de uso do preservativo entre as pessoas sexualmente ativas segundo sexo, ano da pesquisa e faixa etária, entre 1998 e 2005

Uso de preservativo	Total	16 a 25 anos	26 a 40 anos	41 a 55 anos	56 a 65 anos
Homem 1998	26,06	52,79	23,94	10,70	1,47
Homem 2005	38,10	71,40	34,77	22,2	12,76
Mulher 1998	21,43	35,35	23,53	6,38	1,05
Mulher 2005	32,64	50,00	37,53	19,89	3,97

Fonte: Adaptado Paiva *et al*(2006)

Para Brito *et al* (2016), a resistência ao uso do preservativo está associada ao constrangimento em adquiri-lo, ao desconhecimento do seu uso, ao medo de perder a ereção efetiva e ao conceito equivocado de que serviria apenas para evitar a concepção. Essa resistência favorece ao aumento de novos casos de IST nessa população. Já Andrade *et al* (2017), defende que a baixa adesão ao preservativo está relacionada a dificuldade dos idosos em se sentirem vulneráveis às IST e a visão do casamento como fator de proteção.

Durante pesquisa no interior do Ceará, uma grande parcela dos idosos apontou a picada de mosquito, uso do mesmo sanitário e do mesmo copo como um dos meios de transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), evidenciando a falta de conhecimento acerca desse tema (BASTOS *et al.*, 2018). Segundo Brito *et al* (2016), a carência de informações de um idoso de hoje é reflexo da pouca procura dessas informações pelo adolescente de ontem. No passado, os jovens não tinham facilidade de diálogo, nem ao menos acesso às informações como atualmente. A barreira moral entre pais e filhos e a falta de preparo familiar para orientar os jovens sobre sexualidade, levaram a carência de informação nos idosos atuais, como uma herança intelectual negativa.

Outros fatores também estão associados às infecções (Tabela 2). Os idosos passam por mudanças fisiológicas do processo de envelhecimento que contribuem diretamente para um maior risco de contaminação. A diminuição da

imunidade celular e humoral em geral, com menor ativação de células T e produção de anticorpos, pode fazer com que os tecidos sejam mais suscetíveis ao HIV e outras IST (NETO *et al.*, 2015). Nas mulheres idosas, devido ao menor nível de estrogênio, conseqüentemente diminuição da lubrificação, manter práticas sexuais sem proteção no climatério e pós-menopausa favorece ao surgimento de ferimentos e facilita a transmissão das doenças (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008).

TABELA 2- Principais fatores associados ao aumento de IST entre idosos

<i>Fatores sociais que podem causar o aumento das ISTs em idosos</i>
1-Aumento do número de novos parceiros sexuais devido a um aumento de expectativa de vida
2- Maior qualidade de vida
3- Aumento da taxa de divórcio
4- Falta de consciência dos profissionais de saúde que demoram a fazer o diagnóstico
5- Falta de consciência da própria sexualidade
6- Omissão dos programas de prevenção de ISTs
7- Aumento do uso de medicamentos para disfunção erétil
<i>Fatores biológicos que podem causar o aumento das ISTs em idosos</i>
1- Mudanças psicológicas podem afetar a resposta sexual
2- Alterações neurológicas podem causar mais desinibição sexual
3- Nas mulheres, níveis baixos de estrogênio diminuem a lubrificação genital, aumentando o risco de micro lesões durante o ato sexual, com conseqüente aumento de risco de se infectar
4- Enfraquecimento da imunidade
5- Algumas ISTs, como Clamídia e Gonorreia, podem ter sintoma que se confundem com os da menopausa, retardando o diagnóstico.

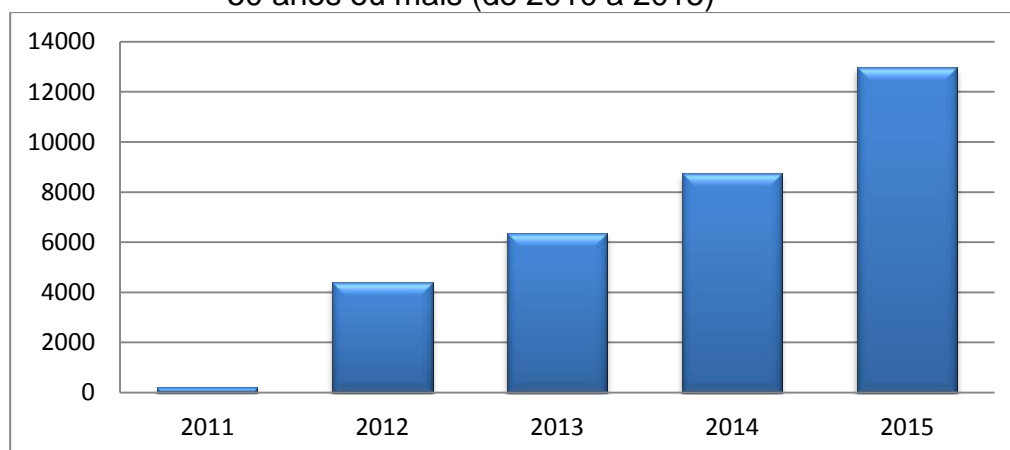
Fonte: Adaptado Ministério da Saúde do Brasil

3.3.1. Epidemiologia

A falta de informação, junto às dificuldades ao serviço de saúde tornam os idosos mais vulneráveis e tem contribuído para o aumento de IST na terceira idade (ZORNITTA, 2008). Os idosos viveram uma época em que as IST temidas eram a Gonorreia e a Sífilis, facilmente tratadas com antibioticoterapia. O aumento progressivo dessas doenças e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) na população idosa revela que essa morbidade constitui um dos novos problemas de saúde pública (ROCHA *et al.*, 2011).

No Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde, há aproximadamente 937 mil novas infecções de Sífilis (Figura 3), 1,5 milhão de casos de Gonorreia e quase dois milhões de casos de Clamídia por ano. Porém, dados mais detalhados sobre o índice de transmissão de IST, especificamente na população idosa, são escassos, por não serem doenças de notificação compulsória (NETO *et al.*, 2015).

FIGURA 3 – Sífilis adquirida notificada no país segundo faixa etária entre 50 anos ou mais (de 2010 a 2015)



Fonte: Adaptado Ministério da Saúde (MS)

3.3.2. HIV/AIDS

A maioria das literaturas sobre o tema, “IST em idosos” concentra informações acerca do HIV/AIDS.

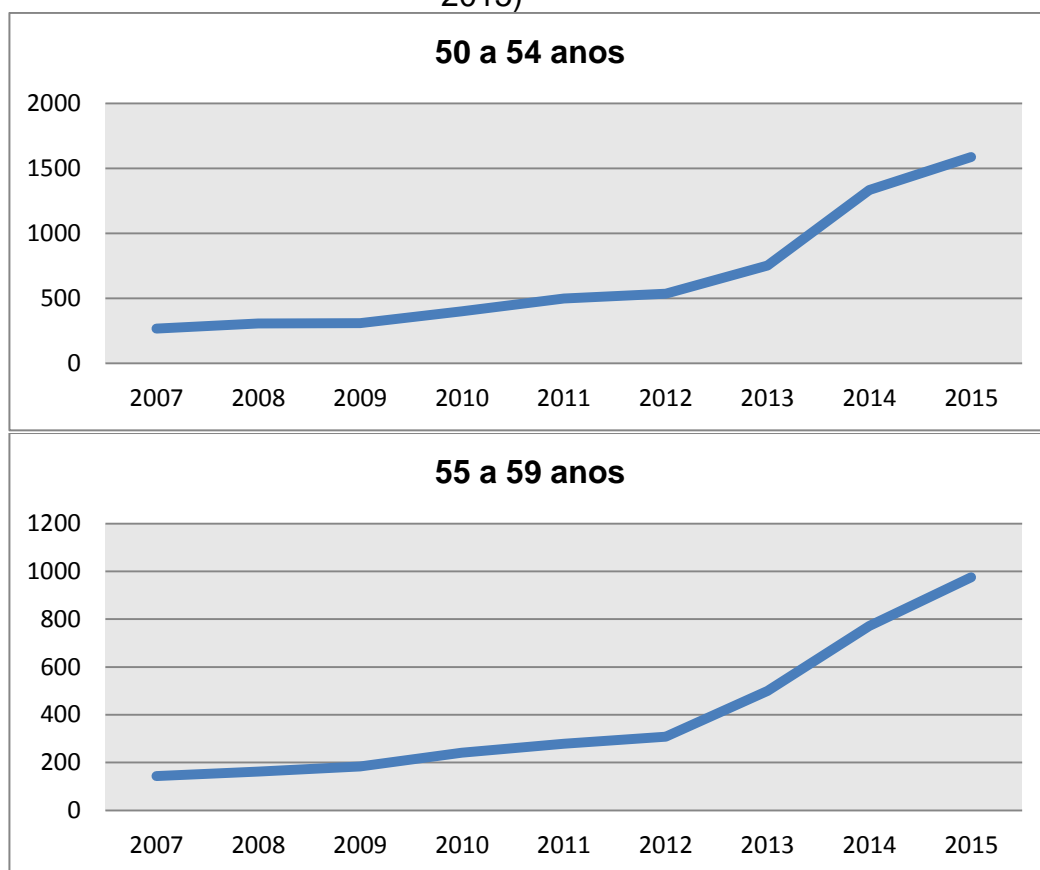
Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), o vírus da imunodeficiência humana (HIV) tem como alvo o sistema imunológico. O vírus destrói e prejudica a função das células imunes, tornando os indivíduos portadores, gradualmente imunodeficientes, conseqüentemente, há um aumento da suscetibilidade a várias infecções e doenças que pessoas com um sistema imune saudável podem combater. A função imunológica do organismo é medida pela contagem de células CD4. O número diminui com a evolução da patologia. Quanto menos linfócitos CD4, maior a vulnerabilidade do sistema imunológico e maior o risco de complicações e infecções.

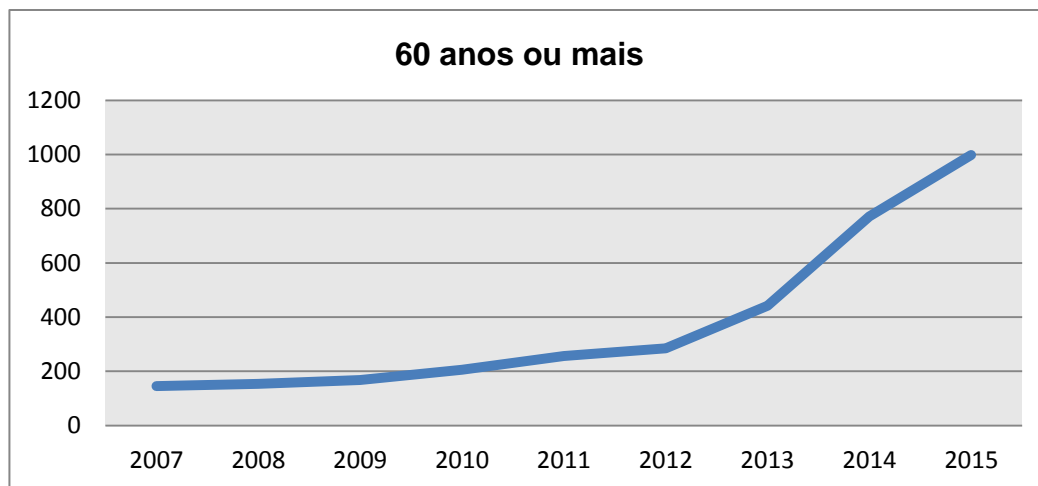
A infecção pelo HIV é diferente da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O estágio mais avançado da infecção por HIV é a AIDS.

Essa doença pode demorar de dois a 15 anos para se manifestar, de acordo com cada indivíduo. A AIDS é caracterizada pelo desenvolvimento de certos tipos de câncer, infecções ou outras manifestações clínicas graves (Dantas *et al.*, 2015).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017) e Joint United Nations Program on HIV/AIDS (UNAIDS, 2017), em torno de 40 milhões de pessoas no mundo vivem com HIV/AIDS, dentre as quais 2,8 milhões têm 50 anos ou mais. No Brasil, a infecção pelo HIV é de notificação compulsória, tornando os dados mais conclusivos (Figura 4). De acordo com o Ministério da Saúde, pessoas entre 50 a 59 anos aumentaram de 41,6% na taxa de incidência entre 1998 e 2010, passando de 15,6 para 22,1 casos por 100.000 habitantes. Já os indivíduos com 60 anos ou mais o aumento foi de 42,8% no mesmo período, variando a taxa de incidência de 4,9 para 7 casos por 100.000 habitantes. De 1980 a junho de 2012, 656.701 casos de AIDS foram notificados na população em geral, e 18.712 casos em pessoas com 60 anos ou mais (NETO *et al.*, 2015). Neves *et al.* (2015) acrescenta que de acordo com boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, há um aumento nos casos de AIDS em idosos com baixa escolaridade ou analfabetas, cerca de 54,5%.

FIGURA 4 – Casos de HIV notificados no país segundo faixa etária (de 2007 a 2015)





Fonte: Adaptado Ministério da Saúde (MS)

De acordo com Neves *et al* (2015), os primeiros casos de HIV/AIDS no Brasil foram identificados no início da década de 80, sendo encontrados predominantemente entre homoafetivos, hemofílicos e usuários de drogas injetáveis. Atualmente, o predomínio está entre as mulheres, heterossexuais e até mesmo entre a terceira idade. Rocha *et al* (2011) complementa que, embora os idosos não sejam a faixa etária mais acometida pela AIDS, têm sido atingidos por esta doença mais que os adolescentes, considerados como um dos grupos prioridade pelos gestores. Entre 1980 a junho de 2006, 9.918 casos de AIDS foram notificados em idosos, contra 9.222 notificados entre os jovens.

O Estado com maior índice de idosos contaminados é o Pará. De acordo com a Secretaria de Estado de Saúde do Pará (Sespa), há um crescente número de idosos com o vírus HIV no estado. Do total de 5.465 casos investigados de AIDS em adultos, a faixa etária dos 60 aos 80 anos registrou 214 casos, 12 novos casos foram registrados somente em 2016.

Conforme os dados citados, é possível notar que há uma tendência ao aumento da vulnerabilidade da terceira idade diante dessas patologias. Desse modo, torna-se necessário que as políticas públicas estejam em acordo com esse novo perfil de morbidade que acomete a população idosa, potencializando as ações de prevenção, diagnóstico, tratamento e recuperação da saúde que sejam direcionadas para a terceira idade (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

3.4. Políticas Públicas de Saúde na terceira idade

Em geral, muitos acreditam que com o envelhecimento, o indivíduo se torna sexualmente inativo, incapaz de produzir atração em outras pessoas. Muitos profissionais da saúde também pensam dessa forma, valorizando apenas uma assistência de livre demanda com queixas estabelecidas, o que prejudica o potencial de desenvolver ações preventivas em pacientes da terceira idade (NETO *et al.*, 2015).

Albuquerque *et al* (2008) afirma que o conhecimento sobre a transmissão das IST e da AIDS pelos idosos, ainda se restringe à prática sexual desprotegida ou por via sanguínea, sendo pouco enfatizada a transmissão vertical. O preconceito, principalmente pelos profissionais de saúde junto a pouca informação e conhecimento dos idosos, determinam

comportamentos que exacerbam a vulnerabilidade da terceira idade para essas infecções.

O HIV/AIDS entre os idosos tornou-se um sério problema de saúde pública no país tendo em vista o aumento da população nessa faixa etária e a falta de programas de prevenção direcionada para essa população. Isso ocorre, pois a sexualidade do idoso é negligenciada por diversos setores da sociedade. Além disso, é necessário romper com o preconceito da população a respeito desse tema (NEVES *et al.*, 2015). Albuquerque *et al* (2008) completa que a população e os profissionais de saúde que atuam em prol da saúde do idoso, devem ter maior atenção em relação as Infecções Sexualmente Transmissíveis, pois com o aumento da expectativa de vida e a melhora da qualidade de vida, a ocorrência dessas infecções aumentam entre a terceira idade, cujo tema é mais difícil de ser trabalhado em virtude de já terem opiniões formadas.

As principais fontes de informação sobre IST para os idosos são: os meios de comunicação social como a televisão, o rádio e os jornais. Raramente recebem orientações diretas ou dialogam sobre o tema com profissionais de saúde da UBS. As informações geralmente são transmitidas por meio de material impresso, e não nas consultas e palestras, o que demonstra as fragilidades na atenção à saúde do idoso, no que se refere a sua sexualidade. Em entrevista a alguns idosos, é possível notar esse cenário. Uma das idosas revelou que gosta muito de ver os programas aos domingos, onde os doutores falam sobre esses temas, a outra entrevistada complementa que vê muito sobre o tema nas novelas (LAROQUE *et al.*, 2011).

Laroque *et al* (2011) também afirma que é evidente a dificuldade dos profissionais de saúde em falar sobre a sexualidade na terceira idade. Os assuntos sobre prática sexual nessa população, que já não tem preocupação com anticoncepção, são tratados com menor atenção. A conscientização pela própria equipe de saúde em considerar a vida sexual do idoso como realidade é primordial, bem como sua orientação sobre medidas preventivas as IST/AIDS.

Entretanto, mesmo os profissionais que exibem uma sensibilidade maior em relação à saúde sexual da população idosa, não estão livres de cometer erros de diagnóstico. Muitos sintomas iniciais do HIV/AIDS nessa faixa etária são atribuídos a doenças crônicas ou manifestação do envelhecimento, como o emagrecimento, cansaço, problemas de memória e menor resistência física, postergando a realização de exames para detecção da infecção (NETO *et al.*, 2015).

Albuquerque *et al* (2008) defende que é primordial que os profissionais de saúde alertem os idosos sobre a necessidade e a importância do uso de preservativos e outras medidas de prevenção de sexo seguro, explicando sobre as IST, a sintomatologia e suas consequências. Estes profissionais também devem conhecer a realidade do local que atuam para melhor entendê-la e viabilizar mudanças de atitudes e comportamentos de risco.

Um dos principais desafios da prevenção de IST entre a terceira idade é a dificuldade em elaborar estratégias de prevenção que sejam sensíveis à idade e ao estilo de vida dessa população. As estratégias podem ser campanhas com folhetos informativos, propagandas e principalmente discussões em grupo, direcionadas para as atitudes, práticas sociais, culturais e linguagem de pessoas acima dos 50 anos. Além disso, é importante abranger

homens e mulheres de uma forma geral, e direcionar as necessidades específicas de cada gênero. Por exemplo, mulheres idosas podem adquirir infecção pelo Papiloma Vírus Humana (HPV), fator de risco para câncer cervical, devendo realizar periodicamente o exame Papanicolau (NETO *et al.*, 2015).

A prevenção é a melhor opção. Além de informação exaustiva à população, medidas eficazes são necessárias para a detecção precoce de doenças potencialmente transmissíveis. O Ministério da Saúde reconheceu o aumento da porcentagem de idosos notificados com IST, por isso, instituiu a partir de 2005 o Programa Nacional de IST/AIDS buscando estabelecer parcerias com a Coordenação de Saúde do Idoso, para desenvolver insumos de educação para saúde e prevenção mais especificamente dessa população (ROCHA *et al.*, 2011).

Há pouco tempo o Ministério da Saúde começou a enxergar o idoso como indivíduo capaz de exercer plenamente sua sexualidade, não podendo mais ignorá-los quanto a essa prática. Desse modo, lançaram campanhas educativas voltadas ao incentivo do uso de preservativo pela população de terceira idade, visando reduzir o número de IST (ANDRADE *et al.*, 2017).

Mesmo com algumas campanhas, o número de idosos com IST continua a crescer. Um dos desafios para consolidar a prevenção em IST/AIDS no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) está no comprometimento entre as esferas políticas e governamentais em oferecer recursos materiais e profissionais capacitados e motivados para trabalhar com as questões que envolvem este grande tema da atualidade (LAQROQUE *et al.*, 2011).

4. CONCLUSÃO

O envelhecimento da população é um processo natural. Com a inversão da pirâmide etária, o número de idosos está aumentando consideravelmente, sendo um privilégio para a terceira idade e um desafio aos profissionais de saúde.

Existe uma crença na sociedade, que o envelhecimento diminui o desejo sexual. Porém, indivíduos nessa faixa etária permanecem sexualmente ativos, fato que aliado à falta de informação, práticas sexuais inseguras, não utilização de preservativos, dificuldade na acessibilidade aos serviços de saúde, o preconceito que ainda existe na sociedade sobre a sexualidade do idoso, entre outros fatores, contribuem de forma disparada para o aumento dos números de casos de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis entre a terceira idade.

Apesar de evidente o aumento das IST entre os idosos, é possível notar que esse grupo está excluído das políticas públicas de promoção da saúde voltadas para esse tema. A falta de reconhecimento da sexualidade na terceira idade faz com que as campanhas sejam direcionadas para populações mais jovens.

Existe, portanto, a necessidade de conscientizar os profissionais de saúde sobre as mudanças de comportamento e perfil epidemiológico na população idosa. Além de incentivar e estimular os projetos voltados à saúde da terceira idade, como também capacitar os profissionais para falar abertamente sobre a sexualidade com essa parcela da população, orientando

como se proteger, de forma que os casos de idosos infectados por HIV e outras ISTs sejam reduzidos.

5. REFERÊNCIAS

ALBUEQUERQUE, D.A. *et al.* Conhecimento de idosas sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Rev enferm UFPE on line**, n.2, p. 137-145, 2008.

ALMEIDA, T. *et al.* Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. **RBCEH, Passo Fundo**, v. 5, n. 1, p. 130-140, 2008.

ANDRADE, Juliana. **Doenças Sexualmente Transmissíveis e Hepatite C em Idosos do Município de Botucatu – SP**. 2013. Dissertação - Universidade Estadual Paulista Faculdade de Medicina de Botucatu, Botucatu, 2013.

BASTOS, L.M. *et al.* Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil. **Ciências e Saúde Coletiva**, n.23, p. 2495-2502, 2018.

BRASIL. Aprenda sobre HIV/AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Casos de Aids notificados no SINAN segundo sexo e faixa etária por ano de diagnóstico, Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRITO, N.M.I. *et al.* Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. **ABCS Health Sci**, n.41, p. 140-145, 2016.

GODOY, V.S. *et al.* O perfil epidemiológico da aids em idosos utilizando sistemas de informações em saúde do data sus: realidades e desafios. **DST – J bras Doenças Sex Transm**, n.20, p. 7-11, 2008.

LAROQUE, M.F. *et al.* SEXUALIDADE DO IDOSO: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Rev Gaúcha Enferm**, n.32, p.774-780, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Guia de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

MIRANDA, G.M.D. *et al.* O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, n.19, p.507-519, 2016.

NASCIMENTO, Heloane. *et al.* **A sexualidade entre idosos e a vulnerabilidade frente as dst/hiv/aids: revisão sistemática**. In: Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Campina Grande, Anais CIEH, 2015.

NETO, J.D. *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Ciências e Saúde Coletiva**, n.20, p. 3853-3864, 2015.

NEVES, J.A.C. *et al.* Processo saúde-doença: a sexualidade e a AIDS na terceira idade. **Rev. Enfermagem Revista**, v.18, n.1, 2015.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Boletim Epidemiológico AIDS, 2017.

PAIVA, V. *et al.* O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **Rev Saúde Pública**, n.40, p. 109-119, 2006.

ROCHA, F.C.V. *et al.* Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis: a visão de um grupo da terceira idade. **R. pesq.: cuid. Fundam**, p.63-69, 2011.

RODRIGUES, Manuel. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na Adolescência. **Revista do hospital de crianças maria pia**, v.19,n.3, 2010.

SILVA, A. Envelhecimento populacional no Brasil: o lugar das famílias na proteção aos idosos. **Argumentum**, v.6, n.1, p.99-115, 2014.

SILVA, C.C. Principais políticas sociais, nacionais, e internacionais, de direito do idoso. **Estudo Interdisciplinar do Envelhecimento**, v.18, n.2, p.257-274, 2011.

SILVA, Udylânea. *et al.* **Doenças sexualmente transmissíveis na terceira idade**. In: Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Campina Grande, Anais CIEH, 2017.

ZORNITTA, Marlene. **Os novos idosos com aids: sexualidade e desigualdade à luz da bioética**. 2008. Dissertação – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

